



Departamento De Educação
Faculdade De Ciências
Universidade De Lisboa
Rua Ernesto De Vasconcelos
Ed. C1 - Campo Grande, 3º Piso
1700 Lisboa - PORTUGAL
Telefone 351-1-757 31 41
Telefone Directo 351-1-757 36 24
Telefax 351-1-757 36 24

Para(to): Eng^a Maria de Lourdes PintassilgoAlameda de St^o António dos Capuchos,N^o 45 - 5^o - Lisboa

Telefax: 522514

País:

De(from): Prof. Doutor Feliciano Henriques Veiga

Número de páginas:

14

DATA 95 / 06 / 06

Exm^a Senhora

Na sequência dos últimos contactos com a Sra. Engenheira, jnto
enviamos uma cópia do artigo a publicar na nossa revista.

Pedimos desculpa pelo facto de a cópia enviada ser a que contém já os
acertos da Revisora .

Com os melhores cumprimentos

Pe'l A Direcção Executiva
da Revista de Educação

(Prof. Doutor Feliciano Veiga)

1.

HELV. NAR
COND.
c/20/22
CA

A MUDANÇA DE VALORES NUM MUNDO EM TRANSIÇÃO

Maria de Lourdes Pintasilgo } HELV. LIGHT COND.
 c/14/16 CA 1982

ex - Primeiro Ministro Português } Helv. LIGHT
 c/8 CA 13 1982

Emília Maria
e outros

INTRODUÇÃO } HELV. NARROW
c/12/14 CA

277

Recentemente, o Centro Pompidou, em Paris, organizou um seminário sobre o tema *Valores para o século XXI*. Fui convidada para participar numa das mesas redondas, cujo tema se prendia com uma série específica de valores. Eram estes a fraqueza, a lentidão, a frugalidade e a disponibilidade.

A inesperada configuração desta série de valores é um exemplo da procura de diferentes círculos de valores capazes de expressar uma outra filosofia de vida. Não ouvimos já modernos analistas referirem-se à liderança política como uma liderança de *competência e compaixão*?

E que podemos dizer dos valores proclamados por *Summer games* que são uma versão mais ligeira do não-regulamentado modo de viver liberal?

Que dizer? Perante os nossos olhos, esta série de valores (ou atitudes apresentadas como valores) parecem definir *ideais* a alcançar, *códigos* de comportamento a adoptar. É contra esta prática que situo o meu discurso desta manhã.

A minha perspectiva não provém de uma preocupação específica. Pelo contrário, tentarei encarar o assunto numa perspectiva sócio-cultural e sócio-política, na tentativa de chegar às consequências de um mundo-em-transição no que respeita à formulação e percepção de valores.

I. UM MUNDO EM TRANSIÇÃO

2 #

O processo de transição é realizado a diferentes níveis. Com a queda do Muro de Berlim fala-se de **economias em transição**, significando isto a transformação das economias centralmente planeadas em economias de mercado. Praticamente ao mesmo tempo, também o processo de **transição democrática** ganhou importância. Na Europa, os países de regime comunista começaram a adoptar formas democráticas de governação. Similarmente, também em África e um pouco por todo o lado, se deram mudanças complexas, como parte de uma tendência geral em direcção à **democracia**.

Estes dois processos mostram de imediato que seria falacioso pensar numa mudança repentina de regimes bem-consolidados para formas de sistemas políticos e económicos considerados definidos de uma vez por todas. A transição aparece-nos agora sem um fim definido, determinado, levando a uma visão diferente daquela que se esperava.

Nalguns países (como por exemplo a Hungria) os fortes componentes **rurais**, com os seus valores de **segurança e tradição**, continuam a ser protagonistas importantes. O progresso tecnológico tornou-se um factor atraente para todos os países e, com ele, o interesse pelo sucesso, pela experimentação, a confiança nas máquinas, o desejo da novidade. Consequentemente, em alguns deles, a **degradação ambiental** tomou tais proporções (Polónia, Repúblicas Checa e Eslovaca, ex-RDA) que a opinião ecológica se debruça sobre ciclos de vida, primazia de soluções orgânicas em detrimento de soluções mecânicas, prioridade do processo em relação à máquina.

Todos estes aspectos coexistem no mesmo espaço e tempo. Não é óbvio que possam interagir, e é possível que surjam conflitos. Uma firme direcção política pode valorizar uma das tendências. A questão surge necessariamente: como se adopta a educação para os valores? Será um mero instrumento do *status quo*? Ou será uma tentativa para formar um critério acima de / fora de todas as tendências sociais?

Se a solução é a de incluir as tendências existentes, a quem competirá o critério de definir os valores? Se é, ao mesmo tempo, uma questão de resistência e uma tentativa de formar uma nova consciência, que tónica ideológica será dada à educação para os valores?

Posta a questão desta maneira, não nos parece possível uma saída para o problema. Os valores tornam-se **artifícios** oportunistas. - Tal facto parece-nos evidente, porque estamos a vê-lo em movimento, num período de transição, enquanto que as opções e as decisões a nível macro parecem ser muito claras para aquele que está de fora.

Entendo que a educação para os valores deverá ser vista, se não num período de transição (a sociedade poderá estar estabilizada se não cristalizada!), pelo menos nos seus **diferenciais**, como uma maneira de ultrapassar o efeito interno das tendências sociais e culturais.

Falta
a)

1/54 1/33

Fundação Cuidar o Futuro

Eis o motivo por que um mundo-em-transição oferece uma oportunidade única para se fazer uma reflexão sobre os valores no processo de educação. Um mundo em transição esvazia-se necessariamente das maneiras de pensar e juízos dominantes, das ideias e normas adquiridas. Ousa aventurar-se à novidade do desconhecido. É um período de "nunca mais" e de "ainda não", aparentemente vazio e, contudo, cheio da potencialidade necessária para uma clara reafirmação de valores. Por isso parece-me adequado tentar entender algumas das tendências deste período de transição - para que apreenda algumas das tendências que possam levantar questões em relação aos valores. Refiro-me particularmente aos processos sociais e aos fenómenos culturais.

1. PROCESSOS SOCIAIS NO PERÍODO DE TRANSIÇÃO

a) Novas estruturas de referência ideológica

Como impacto directo das transformações que mencionei - económica e democrática - parece haver uma substituição dos antigos termos de referência ideológica por novos.

As ideologias não morreram. Tendem a emergir a todo o momento como expressão de inquietação e incerteza e como substituição mecânica da acção pela reneção.

Com o reforço do mercado, a competitividade premeia todas as esferas de acção, acompanhada de toda uma série de atitudes, nomeadamente a centralidade do "ego", considerado como um modo de agir de confrontação persuasiva.

Sem qualquer clarificação filosófica, a posse, a propriedade, o domínio, accentuam a tendência para o ter, pelo preço do ser. As mediações utilizadas, nomeadamente todos as técnicas de marketing, diluem a fronteira entre o que é e o que parece ser.

O sujeito fica assim diluído pelos mecanismos necessários para o total funcionamento do mercado. (Como se "o mercado" fosse uma entidade mágica.)

Englobando a economia e a política, o arquétipo do vencedor modela aspirações e desejos. A espiral do poder e da visibilidade, tendo o vencedor no centro, leva igualmente à marginalização do fraco, vulnerável e desorganizado. A liberdade que leva à luta pela democracia cria, paradoxalmente, zonas sociais de dependência ou de rejeição. Ambos os mecanismos derivam do mote "sempre mais": mais coisas, mais liberdade, maior velocidade. O império do MAIS, da quantidade, aniquila a capacidade de julgar. Em nome da liberdade, deixa de se avaliar cada nova situação e os seus constituintes.





A sociedade está já a reagir a estes mecanismos cegos. Criaram-se mecanismos nacionais para analisar e julgar novas formas de realidades sociais. Daí os conselhos sobre o **audio-visual** ou os conselhos ou *comités* sobre a **bio-ética**. No entanto, estamos ainda tão convencidos que a **não-regulamentação** do Estado é um dever na economia, que falhamos na definição de centros de ética para os processos económicos ou políticos.

Como é que o sistema educativo se relaciona com este ambiente? Se, na sua realidade macro, o sistema educativo transporta estes valores, como pode ele desenvolver **outros valores a nível individual**? Será o sistema educativo esquizofrénico?

b) Globalização das questões

Chegámos a este período da história após um tempo de **divisão, separação, exclusão**. Fazemos parte de uma imagem globalizante: uma única cadeia de **informação mundial**, um tipo de música popular, um sistema de crédito e moedas interligadas, ..., estaremos a caminho de um mundo bi-polar para um mundo uni-polar? Se assim for, quais as consequências para os valores?

As fronteiras do mapa do mundo estão a ser abaladas por muitos acontecimentos diversificados. À frente dos nossos olhos as fronteiras estão a revelar-se aquilo que são: caminhos para preservar a identidade, auto-suficiência e poder. Não importa que o mundo permita gradualmente a **crusão** das fronteiras - já nada mais se auto-contém. As fronteiras, quando existem, tornam-se finas barreiras através das quais circulam livremente o dinheiro, a mercadoria, as pessoas.

Fundação Cuidar o Futuro

Enquanto que a **globalização** das questões parece criar um mundo impossível de vir a ser unificado, deparamos com um doloroso, por vezes sangrento esforço para que cada cultura afirme a sua própria identidade e seja respeitada na sua própria identidade. O global e o local tornam-se os dois lados de cada realidade cultural e sociológica.

Como poderemos então relacionar estes dois estilos? Que valores existem na **cultura mundial**, bem como na **cultura específica de um grupo**, de modo a que a circulação entre os dois possa ser possível? Através de que série de valores comunicam eles? Que valores reforçam os dois pólos? Como pode a educação evocar, ao mesmo tempo, o mundo como **um todo comum** partilhado por muitos, e local - país, cidade, escola - como **específico**, onde todos os valores serão expressos?

A **globalização** leva a um **alargamento** de conteúdos de valores, bem como a novas maneiras de os formular. Como estamos longe das **dicotomias** de valores utilizadas em exemplos clássicos de julgamento moral! A tradicional questão de **ou / ou**, gerada num mundo de separação, divisão e, por conseguinte, de polarização, dá lugar à compatibilidade de elementos que, durante muito tempo, foram considerados contraditórios. O que está então em risco não é uma mera acomodação de diversas realidades. É antes a descoberta da **interligação** dessas diferentes realidades.

Concentrando-nos na sua ligação mútua, destacam-se como relevantes os valores que residem na interface. Eles sobressairão e iluminarão, de nova maneira, as duas realidades. Está na altura de substituírmos os agudos antagonismos de ou /ou por tanto / como. Nenhuma questão permanece fechada em si mesma. A realidade não é uma série de coisas, mas uma cadeia de ligações. Todos os processos da vida acabam por ser vistos como partes de uma grande máquina e tornam-se gradualmente componentes de um grande pensamento.

Admitir tal pensamento é, enfim, o objectivo da educação. Mais importante em educação do que prosseguir, em tentativas mecanicistas, os segmentos da vida, é a compreensão da própria vida nos seus processos acessíveis. Os valores estarão então ligados ao seu contexto como parte integrante do conhecimento.

c) A policentralidade social

A relação do local com o global não acontece dentro da lógica de um esquema hierárquico. O tecido social e cultural do mundo-em transição é poli-centralizado. A hierarquia dos acontecimentos está disseminada em diferentes teias da cultura e da sociedade. Tal facto pode ser observado, nos seus extremos, na cadeia económica de produção e na distribuição do nosso tempo. A não-localização de empresas, característica da última década, e provavelmente dos anos vindouros (tem-se generalizado devido ao crescimento económico), é exemplo desta situação. O emprego e o desemprego são gerados de modo descentralizado. O desemprego ocorre em locais onde uma corporação tem os seus escritórios centrais, enquanto a criação de empregos ocorre onde os lucros não são contabilizados ou redistribuídos. Assim, qualquer decisão relacionada com a direcção de tal empresa tem de abranger unidades desarticuladas e de ser formulada em relação a diferentes realidades sociais.

Este exemplo ilustra a necessidade de se englobar sempre, no sistema-de-valores, as múltiplas causas e consequências de qualquer acção. Se os valores são contextuais, tal não se deve a um simples relativismo de princípios, mas sim ao facto de que, fora da totalidade do contexto, eles podem ser irrelevantes ou mesmo inadequados.

2. OS NOVOS FENÓMENOS CULTURAIS

O mundo-em-transição faz já pressentir o que será a nova realidade. Isto é entendido, em primeiro lugar, pela cultura.

177

a) Centralidade da Informação

Fundação Cuidar o Futuro

É óbvio que a maior transformação ocorreu no papel e no dispositivo da



a) Centralidade da informação

É óbvio que a maior transformação ocorreu no papel e no dispositivo da informação (A leitura recente da biografia de Marguerite Yourcenar e o choque de imaginar que ela teve de copiar à mão todos os seus manuscritos - sem fotocopiadora, e ainda menos sem computador e, contudo, ela é do nosso tempo!). Não levanto qualquer hipótese sobre uma sociedade de informação ... Mas saliento a centralidade da informação (e o nosso apetite pelo seu renovado martelar nos nossos ouvidos e nos nossos olhos.)

Podemos observar dois movimentos opostos nos padrões da informação. Primeiro, a informação fragmentada, episódica, em 1.30 minutos. Notícias, histórias, publicidade a toda a hora; informação dada com a finalidade de chamar a atenção, não para alargar os conhecimentos. Segundo, a tentativa de a colocar toda junta, de modo a constituir um *puzzle*. E, por fim, a percepção de coisas, de algum conhecimento. Parece-me que estes dois movimentos podem ter um papel importante na compreensão da educação para os valores.

A informação emana de muitas fontes; aumenta o *barulho*, uma mistura indiferenciada de sinais. A incapacidade de seguir uma simples informação é indicio de que o *barulho* está para além da aceção humana. A primeira questão ética é a seguinte: - para não enlouquecer, tem de se alcançar o equilíbrio entre a informação e o barulho. É este o nível de sobrevivência na zona de informação.

Mais ainda, a informação continua a fluir, inclusive à sala de aula (ou a uma conferência como esta!). Aparecem muitos sinais que são individualizados pela mente ou pelo coração, ou por ambos, e registados na memória de cada um.

Para que se encontre um centro de atracção para a vida humana, para o conhecimento, para os valores éticos, é necessário o segundo movimento: pôr tudo junto, relacionar, montar, ligar.

É mais uma vez este movimento corresponde a um momento. Em breve será ultrapassado por outra informação que não aparece em camadas organizadas, mas em acontecimentos desconexos e em canais diversificados. Começa-se então o processo uma vez mais. Ser capaz de tratar a informação sobre a pessoa humana é, no meu ponto de vista, uma pré-condição de vida ética.

b) Interdisciplinaridade

A interligação a que acima me referi torna-se inevitável na cultura nascida neste período de transição.

O mundo enfrenta, neste momento, uma globalização de questões, uma erosão de fronteiras. Este facto não é apenas verdadeiro para os acontecimentos sociais e para os fenómenos, mas também para o **próprio conhecimento**.

A capacidade de reunir informação e de a organizar de modo significativo depende da compreensão do conhecimento. Um estudo recente editado pela UNESCO tem como título *"entre-savoirs"* - **inter-saberes**. Diríamos, em termos mais convencionais, **interdisciplinaridade**. Não se encontra qualquer solução, qualquer ruptura, apenas na esfera de um discípulo - a circulação entre os diferentes campos, a sua interrelação é um ingrediente essencial no mundo-de-transição.

Uma das tarefas fundamentais da vida - em todos os níveis de criação e execução - é explorar a passagem de um campo para o outro. A vida não reside em padrões isolados, mas em interrelações.

As **fronteiras** deixam de ter como significado aquilo que separa. Passam a significar **aquilo que podem unir**. É o trabalho das **interfaces**. É aí que a **criatividade** pode emergir, que se podem descobrir e elaborar novos pontos de vista.

Penso que isto não deverá ser utilizado pela escola de forma fragmentada. No contexto da dispersão da informação, será possível descobrir linhas de fronteira quando se procurar alcançar o **conhecimento centrado -no-problema**. Voltamos à velha questão de Chesterton: *"O que existe de mais relevante senão ensinar o mundo?"*

Considero que uma das grandes transformações dos anos vindouros será a da aprendizagem prática da **interdisciplinaridade**. Aí reside uma das questões éticas mais relevantes do mundo de hoje: a imperiosa necessidade de lidar com a vida e com os seus problemas reais. A resistência que se encontra a muitos e diferentes níveis leva à incapacidade de competir com novos problemas.

Defrontamo-nos aqui com a **chave-de-acesso** à ciência, à educação, à política, ao solucionar de problemas. Lidamos com a questão da complexidade.

c) O acesso à complexidade

Lidamos, em todas as fases do conhecimento e da aprendizagem, com elementos autónomos e, contudo, interdependentes. Este duplo aspecto caracteriza um sistema ou qualquer dos seus sub-sistemas. A compreensão da **evolução interna** dos sistemas e da sua **interacção** está na raiz da **complexidade da ciência**. A complexidade é a pedra-angular de toda a realidade viva.

Alcançá-la-emos através do acesso à **interdisciplinaridade** e através do conhecimento centrado no problema.

Eis o motivo por que um mundo-em-transição oferece uma oportunidade única para se fazer uma reflexão sobre os valores no processo de educação. Um mundo em transição esvazia-se necessariamente das maneiras de pensar e juízos dominantes, das ideias e normas adquiridas. Ouga aventurar-se à novidade do desconhecido. É um período de /nunca mais/ e de /ainda não/, aparentemente vazio e, contudo, cheio da potencialidade necessária para uma clara reafirmação de valores. Por isso parece-me adequado tentar entender algumas das tendências deste período de transição - para que apreenda algumas das tendências que possam levantar questões em relação aos valores. Refiro-me particularmente aos processos sociais e aos fenômenos culturais.

2 FF

1. PROCESSOS SOCIAIS NO PERÍODO DE TRANSIÇÃO

2 FF

a) Novas estruturas de referência ideológica

Como impacto directo das transformações que mencionei - económica e democrática - parece haver uma substituição dos antigos termos de referência ideológica por novos.

As ideologias não morreram. Tendem a emergir a todo o momento como expressão de inquietação e incerteza e como substituição mecânica da acção pela reacção.

Com o reforço do mercado, a competitividade premia todas as esferas de acção, acompanhada de toda uma série de atitudes, nomeadamente a centralidade do /ego/, considerado como um modo de agir de confrontação persuasiva.

Sem qualquer clarificação filosófica, a posse, a propriedade, o domínio, acentuam a tendência para o ter, pelo preço do ser. As mediações utilizadas, nomeadamente todas as técnicas de /marketing/, diluem a fronteira entre o que é e o que parece ser.

O sujeito fica assim diluído pelos mecanismos necessários para o total funcionamento do mercado. (Como se /o mercado/ fosse uma entidade mágica.)

Englobando a economia e a política, o arquétipo do vencedor modela aspirações e desejos. A espiral do poder e da visibilidade, tendo o vencedor no centro, leva igualmente à marginalização do fraco, vulnerável e desorganizado. A liberdade que leva à luta pela democracia cria, paradoxalmente, zonas sociais de dependência ou de rejeição. Ambos os mecanismos derivam do mote /sempre mais/: mais coisas, mais liberdade, maior velocidade. O império do MAIS, da quantidade, aniquila a capacidade de julgar. Em nome da liberdade, deixa de se avaliar cada nova situação e os seus constituintes.

A ciência da complexidade cria elevada turbulência e incerteza. Uma vez que se trata de realidades vivas, todos os cenários são apenas probabilidades.

Mas acima de qualquer outra consideração, o facto mais importante deste acesso é que tudo se relaciona com tudo. Nada está isolado, determinado por si só.

Situo-me aqui na fronteira entre a ética do conhecimento e a ética "tout court". Penso que esta fronteira não separa duas questões diferentes. Chegámos a um período da história em que o sujeito enveredou pelo estudo do objecto, em que o objecto adquire a autonomia do sujeito, em que sujeito / objecto formam um partenariado. O acto de saber transporta consigo aquele que sabe. Talvez então a educação para os valores possa ser equacionada com a educação como tal.

Sim, concordo com aqueles que estabelecem uma relação entre a compreensão e o juízo, entre o conhecimento e a ética, mas apenas num ponto: o Conhecimento do nosso tempo contém exigências específicas que entram em conflito com a raiz dos valores éticos

II - A MUDANÇA DE VALORES

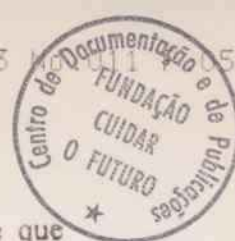
Um mundo-em-transição, trará novas questões à educação para os valores. Mas, de igual modo, também os valores são entendidos de diferentes modos.

3. OS MITOS E O CONSTRUCTO SOCIAL

a) Os Mitos e os valores absolutos

Na construção de valores intervêm dois tipos de elementos - os mitos primordiais, por um lado, e o constructo social, por outro.

Os mitos primordiais foram transmitidos, de geração em geração, como crenças fundamentais que estruturam a existência do indivíduo e a sua relação com os outros e com o mundo. Eles permeiam, implicitamente, muitas vezes inconscientemente, as mais elementares escolhas e decisões. Fornecem o último critério para decidir o que é "bom" ou "mau", frequentemente sem que haja, por detrás dessa escolha, uma racionalização articulada. Neste contexto, eles criam valores que são muitas vezes valores absolutos que aparecem como um imperativo à consciência do indivíduo.



Os **constructos sociais** são modelos escolhidos pela organização social e que resultam dos diversos modos como um grupo de seres humanos estrutura a sua existência, as relações entre os jovens e os velhos, entre os homens e as mulheres, entre os vivos e os mortos, entre a presente geração e a geração vindoura, entre os diferentes tipos de actividade, a organização da propriedade e da solidariedade. A **interacção** de todos estes elementos conduz também a valores que são os **valores contextuais** (por exemplo, a mudança no estatuto das mulheres nas últimas cinco décadas levou a novos valores contextuais na relação entre os homens e as mulheres).

Os mitos dão significado, enquanto que os constructos sociais dão direcção. Os mitos precedem o indivíduo, enquanto que os constructos sociais podem ser alterados pelo indivíduo.

b) Valores contextuais

Uma sociedade ideal combinaria o equilíbrio entre o mito e o constructo social. Desta forma, os valores emergiriam como a interacção entre o mito e o constructo social - por vezes em harmoniosa combinação, outras vezes em tragédia inesquecível. Tal caso, na tradição Ocidental, é a história de Antígona. Embora neste século, devido às descobertas de Freud, a história de Antígona tenha sido substituída pela história do seu pai, a sua tragédia continua a ser um paradigma das duas correntes de valores.

Antígona, levada pelos mitos primordiais do seu povo, entra em conflito com o constructo social da organização política da sociedade de Tebas. Na Grécia, o significado de cidade transporta uma definição muito clara dos fundamentos da organização política: a obediência à lei é vista como o ingrediente básico de qualquer julgamento sobre o comportamento individual. Dai, a força de Creon ao afirmar que, se não defender tal lei, o seu papel de rei não teria qualquer significado. Mas Antígona aparece à boca da cena ao assumir outra atitude: ela terá de obedecer, primeiro que tudo, às leis não escritas do respeito pelo indivíduo - o seu irmão, cuja traição o deixa sem sepultura.

Na decisão de Antígona há mais do que um gesto de rebelião. Há o respeito por todos os seres humanos (mesmo por aqueles que se tornaram proscritos contra vontade); existem laços de fraternidade (mesmo aquele que ficou manchado pelo duplo crime de Édipo e Jocasta); existe coesão entre os seres humanos, apesar de todas as fronteiras que os separam (mesmo o facto de Antígona e Ismenia terem tomado conta do pai cego, enquanto os dois irmãos se demitiram das suas obrigações).

A atitude de Antígona ilustra que, no domínio dos mitos primordiais, existe uma riqueza de realidade simbólica da vida que dá consistência aos valores. A força da realidade simbólica não reside apenas no facto de abrir a prática do indivíduo à **dimensão espiritual**; reside também na capacidade de **subverter outros valores** que transporta consigo.

Desprovidos da dimensão simbólica, os valores perdem autonomia e confundem-se facilmente com as **normas morais**, excepto na sua rigidez de **convenções sociais**.

Paradoxalmente, os mitos primordiais podem também levar a **convenções sociais**, numa série de processos **reduccionistas**. Ao longo do percurso para os valores, os mitos primordiais podem traduzir-se como **ideologias rígidas**. Quando estas ideologias penetram na sociedade, criam uma série de normas que são a essência das **convenções sociais**.

A estrutura de referência do simbólico é uma fonte essencial para os valores - para além de algumas realizações cognitivas, alguma prática tecnológica, algum processo de aprendizagem dinâmica, a abertura ao simbólico é a base de todos os caminhos do desenvolvimento espiritual e moral.

A importância da **primazia do simbólico** advém do reconhecimento da superioridade da zona de mistério em relação à **racionalidade** em toda a sua eficácia e lógica. Não nega a racionalidade, mas afirma que a racionalidade cobre apenas um aspecto da própria percepção de vida de cada um.

Neste contexto, a **educação é o processo através do qual se ganha a percepção de e o acesso a**, enquanto que o simbólico ilumina e clarifica todo o campo do conhecimento.

"Educação **para os valores**" é, acima de tudo, o caminho e o método que permitirão a todos os que estiverem envolvidos no processo, de penetrarem no universo do simbólico.

É minha convicção que, face a um mundo-em-transição, teremos de descobrir de novo os **mitos primordiais** e o **constructo social** em que vivemos.

Antes de abordarmos quaisquer metodologias em termos de educação para os valores, temos de nos perguntarmos entre os Europeus:

- * Quais os mitos primordiais que se ajustam à nossa cultura? Onde está a corrente de força? Quais as histórias que têm energia espiritual?
- * Quais os pilares do nosso constructo social, de vivermos em conjunto? O que é para nós uma atitude "de garantia" em relação a nós próprios, aos outros, às coisas, à natureza, aos acontecimentos? Quais as regras ocultas do nosso espaço de vida?
- * Há valores absolutos? De onde derivam? Seremos capazes de repensar os nossos valores contextuais, independentemente das ideologias ou escolas de pensamento? Não haverá algo a fazer com a finalidade de situar os valores tanto no domínio mítico como no sociológico?

4. A PESSOA NA ENCRUZILHADA DE VALORES

A pessoa humana, o sujeito, o "eu" que dá sangue e carne aos valores, que os faz únicos, é o actor principal da equação de valores.

A educação para os valores afigura-se-me como o processo pelo qual a consciência dos outros seres humanos se **apropria dos valores**, num **processo de alquimia totalmente novo**. Há três aspectos relevantes:

a) A contemporaneidade integrada

A **sensação de tempo** é crucial neste processo de apropriação. Todos os momentos oferecem uma **oportunidade de bifurcação**, de modo a que se façam escolhas, se tomem opções, se escolham os caminhos a seguir. Significa isto que a educação para os valores delinca as consequências da **contemporaneidade integrada**. Estar presente no seu próprio tempo. Nenhuma reserva de conhecimento nem de estudo filosófico de valores poderá substituir a **apropriação que o indivíduo faz do pensamento contemporâneo**, do conhecimento contemporâneo, do humano contemporâneo, das experiências humanas e sociais contemporâneas e da organização. Tudo o que for ensinado terá de ser enquadrado na cultura e acontecimentos de hoje.

b) Compromisso com: - natureza - gerações futuras

As novas condições do mundo de hoje conferem uma nova relevância à **dimensão futura do tempo**.

Fundação Cuidar o Futuro

Como a **natureza** se tornou parte da história, afirma a sua existência como uma categoria filosófica, constituindo-se como participante naquilo a que Michel Serres chama de "**contrato natural**". A **responsabilidade pela natureza**, pela preservação do seu futuro, assume novas dimensões na educação ética. As **muitas facetas** de tal responsabilidade são óbvias apenas nas manifestações diárias de catástrofes naturais ou causadas pelo homem e nas desastradas tentativas de as remediar.

O **compromisso em relação ao futuro** está também presente de outra forma. Ao salvar a natureza (e no limiar de mudanças catastróficas durante as próximas décadas), estaremos também a salvar a vida das futuras gerações, de um modo como nenhuma outra geração teve de o fazer em anteriores períodos da história.

Finalmente, uma **pessoa-no-mundo**. Sim, uma **pessoa-com-outras-no-mundo**. E este ser "**com-outras**" é tão vital que se pode tornar o último valor pelo qual a vida do indivíduo pode ser medida.

"O futuro reside no homem ou mulher que consiga viver como um indivíduo, consciente, **dentro da solidariedade da raça humana**. Usará então a tensão existente entre a individualidade e a solidariedade como fonte da sua criatividade ética."

Que significa isto actualmente? Quais as expressões de tal solidariedade? Como pode ser aprendido?

A maioria das gerações de adultos são ainda do tempo em que os compromissos colectivos causavam grande impacto. O "Projecto da sociedade", o "Projecto alternativo" foram símbolos deste tipo de solidariedade.

Entretanto, as alternativas desapareceram. Muitas pessoas refugiaram-se num total individualismo: o desejo pessoal, as carreiras pessoais, a realização pessoal. Onde, então, encontrar as fontes para esta intensa participação na "solidariedade da raça humana"? Talvez que a oportunidade dos educadores, actualmente, seja a de redescobrir essa solidariedade em conjunto com os seus alunos.

A pessoa que faz a equação pessoal de valores ou é rapaz ou rapariga. Se a educação para os valores abrir as suas portas, abrir-se-á uma perspectiva totalmente nova para a sociedade, uma vez que não poderemos esperar que os homens e as mulheres o façam espontaneamente. E são portas diferentes (Carol Gilligan).

O nosso mundo necessita de ambos os tipos de valores. Mas precisam de ser apreciados, descobertos, articulados, partilhados.

III - OS VALORES NA EDUCAÇÃO

Fundação Cuidar o Futuro

5. A PROCURA DE NOVOS PARADIGMAS

Fala-se de valores numa altura em que é manifestamente necessário um novo paradigma.

Para a lógica do "mais", para a força do absolutismo do "vencedor", levantamos questões fundamentais. O mundo não consegue continuar a competir com "sempre mais", nem a terra com a crescente exploração de recursos. Não podemos continuar a prosseguir numa estrada em que milhões de homens se tornam cada dia mais destituídos.

O progresso linear terminou. O crescimento não é solução. Durante um tempo, mesmo há 20 anos, era possível afirmar que o crescimento, o progresso, o desenvolvimento, o avanço, eram o caminho para a tecnologia. Mas como Rollo May já então salientou, "na ética, na estética, noutras matérias do espírito, o termo progresso não tem lugar nesse sentido". Actualmente, podemos salientar que, mesmo na tecnologia, esse progresso não tem sentido. Muitos dos progressos científicos possíveis não são aceites nem desejáveis socialmente. Chegámos à altura dos limites. Tem de se investigar e descobrir um novo sentido de valores, que sejam visíveis e apreciados.

6. A aprendizagem permanente

As transformações verificadas em todos os níveis da sociedade, bem como na nossa percepção das coisas e dos acontecimentos, deixam-nos desarmados. Ninguém dispõe da informação ou dos instrumentos necessários para igualar as situações. Assim, todos aqueles que se encontram envolvidos com a educação, têm de descobrir que, também eles, são aprendizes. Este facto revela claramente a principal mudança: da educação para a permanente aprendizagem.

Isto pressupõe uma mente que se questiona, uma atitude dinâmica e uma capacidade para continuar a reformular o seu próprio entendimento das coisas e das convicções pessoais. Acima de tudo, a vida deverá ser entendida como um sistema de aprendizagem, onde cada elemento fornece informação e ajuda a responder às próprias questões. A aprendizagem permanente só é possível numa relação de parceria.

Primeiro que tudo, a atitude dinâmica. Isto é, uma mente que se questiona não opera no vazio. O facto é que, a qualquer momento, a informação e a sua interpretação poderão estar bem guardadas e seguras de tal modo que permitam formular uma questão, sempre que surja um novo estímulo. Neste sentido, a questão essencial não será a da certeza intelectual, mas a da segurança afectiva, que lhe permita desafiar o limiar da estabilidade, que lhe permita dar importantes saltos, que lhe permita "deslizar" através das ondas da transformação social.

O processo de aprendizagem permanente resulta também do facto de, a partir da Segunda Guerra Mundial, se terem feito mais descobertas do que em toda a história anterior a este período. O avanço do processo cognitivo, a partir dos anos 30, faz dos grandes cérebros do início deste século, novos clássicos - eles distinguem-se como homens e mulheres sábios, cujas obras nos premiaram com novos conhecimentos, novos padrões de interpretação, novos caminhos conducentes ao mundo simbólico ... Uma iniciação aos valores é ainda a descoberta dos novos clássicos e a sua adequação ao projecto de vida do indivíduo. É algo que ainda não se fez. Se houver participação na aprendizagem, creio que deveria começar pela descoberta em comum dos tesouros da sabedoria que os novos clássicos trouxeram. Para trazer de volta a história às realidades de hoje.